

LEITURAS SOBRE REGIONALISMO E GLOBALIZAÇÃO

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

Resumo: Análise de tentativas de aprofundamento da investigação sobre os motivos da permanência do regionalismo como tendência na literatura brasileira, a exemplo de estudos de Lígia Chiappinni de Moraes Leite (1995) e Luís Bueno (2012), além de capítulos do livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2010) que demonstram, com a noção de sistema literário, de Antonio Candido (1975), que a questão regional, na sua complexidade, não é vista necessariamente como sinônimo de regionalismo. Impõem-se, às análises, questões de forma pertinentes à literatura de um país periférico. A compreensão desses elementos se dá no âmbito das políticas de globalização, que impõem novos desafios: mais forte que a hegemonia cultural de determinados centros é a possibilidade de standardização da cultura. Em tal situação, o reconhecimento e a valorização do legado cultural das regiões não é necessariamente um posicionamento conservador. Graças à tradição, certa continuidade de elementos do sistema constituído pode ser vista como reação às imposições da uniformizante ordem vigente do mercado cultural. Nessas condições, "literatura brasileira" deixa de ser um rótulo e passa a ser fator de resistência na luta contra o inespecífico da cultura globalizante.

Palavras-chave: Regionalismo; Globalização; Tradição; Literatura Brasileira

Abstract: Analysis of attempts to further research on the reasons for the permanence of regionalism as a trend in Brazilian literature, such studies Lígia Chiappinni Leite de Moraes (1995) and Luís Bueno (2012), as well as chapters of the book *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (Araújo; Oliveira, 2010) that demonstrate, with the notion of the literary system, Antonio Candido (1975), the regional issue in its complexity, it is not necessarily seen as synonymous with regionalism. Its imposed, to the analysis, issues relevant to the literature of a peripheral country. Understanding these elements is given in the context of globalization policies, which impose new challenges: stronger than the cultural hegemony of certain centers is the possibility of standardization of culture. In such situation, recognition and appreciation of the cultural heritage of the regions is not necessarily a conservative position. Thanks to tradition, certain continuity of elements of the constituted system can be seen as a reaction to the imposition of the existing standardizing order of the cultural market. Under these conditions, "Brazilian literature" is no longer a label and becomes resistance factor in the fight against the nonspecific globalizing culture.

Key-words: Regionalism; Globalization; Tradition; Brazilian Literature

Segundo Lígia Chiappinni Moraes Leite (1995), a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização, fato que leva a considerá-lo como um fenômeno moderno e, paradoxalmente, urbano.

A autora considera que no estudo sobre o fenômeno existem juízos críticos estereotipados que generalizam para a tendência como um todo as limitações estéticas e ideológicas da maior parte das obras que o regionalismo tem produzido. Neste sentido, “Estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar seu caráter universal e moderno. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-nação, hoje se reatualiza como reação à chamada globalização (LEITE, 1995, p. 156).

Do ponto de vista dos estudos literários, ainda segundo Lúcia Chiappini, o regionalismo é uma tendência temática e formal que se afirma de modo marginal à “grande literatura”, confundindo-se frequentemente com a pedagogia, a etnologia e o folclore. A autora chama também a atenção para a necessidade de distinguir o regionalismo como movimento político, cultural e, mesmo, literário, das obras que decorrem deste direta ou indiretamente. Assim, entre o programa e a obra pode haver uma relação tensa ou uma aberta contradição. Tal fato exige, pois, a “[...] análise das distintas mediações que relacionam a obra literária com a realidade natural e social” (LEITE, 1995, p. 157). Nesta perspectiva, o regionalismo seria uma “tendência mutável” com dificuldades específicas, a maior das quais é tomar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: “homem humano” (LEITE, 1995, p. 157).

A pesquisadora alerta ainda, seguindo os passos de Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, para o fato de que os defeitos do regionalismo, apontados pela crítica, podem ter sido uma dura conquista a seu tempo. Avançando mais na questão, sugere o exame da regionalidade como resultado da determinação como região ou província de um espaço ao mesmo tempo vivido e subjetivo, de modo a identificar a região rural internalizada à ficção, no que resulta um “momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele” (LEITE, 1995, p. 157).

Finalmente, o estudo citado indica que a superação da dicotomia entre local e universal deve ser mediada pela indagação sobre a função que a regionalidade exerce nas obras consideradas regionais.

Ainda no âmbito de uma discussão sobre as determinações extraliterárias do regionalismo, destacamos um estudo de Leyla Perrone-Moisés sobre o nacionalismo literário em Mário de Andrade, oportunidade em que a crítica lê *Macunaíma* como expressão de uma “entidade nacional brasileira” de modo a implicar toda a obra daquele escritor modernista:

Vale lembrar que até 1930 a economia brasileira se baseava em plantações agrícolas voltadas para o mercado internacional, sem que houvesse comunicação entre elas. As diferentes regiões brasileiras tinham estruturas políticas autônomas, e o Estado era muito fraco para integrá-las. A diversidade social e cultural das regiões era também um entrave para a formação de uma “consciência nacional”. M. A. [Mário de Andrade] aspirava a essa união nacional por meio de uma “desregionalização”, que em seu momento só podia ser concebida como ficção. (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 194).

Essa percepção da crítica também segue, a seu modo, os passos do mesmo Antonio Candido que analisa o processo formativo da literatura brasileira, quando ele demonstra a capacidade de apreender a força vital do sistema literário. Segundo o estudioso, uma vez consolidada, a tradição renderia soluções de continuidade como a do “princípio da causalidade interna” identificado na moderna literatura brasileira (cf. CANDIDO, 1987).

Mas a possibilidade de coincidências determinadas pela apreensão da realidade do país está implicada ao longo de todo o processo formativo, como sugere uma referência a *Macunaíma*, no capítulo de *Formação da literatura brasileira* que valoriza o texto de Frei Caneca onde o teórico do separatismo “[...] vai a extremos de irreverência, misturada a arroubos poéticos e a um nacionalismo pitoresco, análogo ao que os modernistas utilizarão, cem anos mais tarde” (CANDIDO, 1975, p. 258).

A referência à obra de Mário de Andrade ilumina a leitura com a função de demonstrar o quanto o Frei Caneca foi capaz de promover uma irreverência “que bordeja a incredulidade” no “trecho movimentado onde o Brasil se transfigura”:

O “pesão de Sumé”, que nos leva a pensar imediatamente em *Macunaíma*, dado o espírito com que é invocado aqui, serve de pretexto a uma irreverência que bordeja a incredulidade, nesse trecho movimentado onde o Brasil se transfigura, pela evocação de um dos mais belos passos da Bíblia (CANDIDO, 1975, p. 259).

O estudo de Lígia Chiappinni, citado, representa tentativas de aprofundamento da investigação sobre os motivos da permanência do regionalismo como tendência na literatura brasileira; o de Leyla Perrone-Moysés demonstra que a ocorrência da questão regional, como um fator extraliterário, é capaz de interferir no processo criativo de modo a se impor na forma das obras, a exemplo da “rapsódia” de *Macunaíma*.

Outras leituras reiteram a necessidade de análise da problemática presentificação do outro (de classe e de cultura, conforme aponta Lígia Chiappinni) a partir do tema regional, problema que se vincula ao princípio da representação da

condição humana como categoria essencial ao que se considera “universalidade”. Neste sentido, os estudos reunidos no livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2010) tomam como ponto de partida a noção de sistema literário, de Antonio Candido, apontando para uma crítica que integra forma literária e processo social. Nesses estudos, a questão regional, na sua complexidade, não é vista necessariamente como sinônimo de regionalismo. Impõem-se, às análises, questões de forma pertinentes à literatura de um país periférico.

Seja o caso do estudo de Fernando Cerisara Gil acerca do romance rural brasileiro do século XIX, de José Alencar, cujo foco sobre o “temário periférico e localista” que toma o centro da narrativa cede lugar à análise dos impasses com que se depara essa matéria local:

E estes estão associados, de modo profundo, ao fato de Alencar colocar no centro da sua narrativa protagonistas cujo liame de suas relações é tecido na sociabilidade local, baseada no clientelismo, no compadrio, no favor, numa palavra, na dependência pessoal” (GIL, 2010, p. 33).

A perspectiva dos dependentes no centro das ações narradas tem a função de, segundo o pesquisador, “imputar algum tipo de dignidade, de reputabilidade” àquelas personagens. Na mesma coletânea de estudos, Belmira Magalhães questiona o estatuto regional das obras *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*. Segundo a autora, a discussão empreendida nessas obras de Graciliano Ramos

[...] tem como foco central a situação de homens, mulheres e crianças se relacionando, regidos pela lógica do sistema capitalista, na periferia desse sistema, que prioriza relações pré-capitalistas de exploração (MAGALHÃES, 2010, p. 43).

O estudo alia a análise das relações de classe à verificação das possibilidades de humanização das personagens. Com foco também na obra de Graciliano Ramos, Irenísia Torres de Oliveira (2010) mostra, na sua análise também publicada na coletânea referida, que todas as relações das personagens de *Vidas Secas* com a terra, com as pessoas, com a linguagem e com a imaginação, estão mediadas por um sistema de opressões, que os silencia, mesmo quando elas falam. Assim, o narrador de *Vidas Secas* instituiria não apenas a humanidade, mas também a animalidade dos personagens, em um processo que, segundo a pesquisadora, foi descrito por Antonio Candido (1992) como uma forma de instituir a humanidade de seres que a sociedade põe à margem.

Para esta leitura, destaca-se também o estudo “O intelectual e o turista: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira”, de Luís Bueno. Nele, o autor se propõe, por meio da análise do problema da alteridade, a “rever como uma tradição literária sempre descrita como fundada em divisões — entre regional e urbano, social e psicológico, cotidiano e sublime, apenas para ficar em algumas”. Assim, a representação da alteridade seria um problema de origem da literatura brasileira e incluiria não só regionalismo, mas até mesmo a literatura que se inscreve no universo dos valores urbanos. Por esse ângulo, o estudioso defende que a diferença entre classes continua gerando uma diferença radical entre o mundo do homem letrado e o do iletrado. Tal perspectiva tem implicações: “O localismo, ou o nativismo, ou o regionalismo passam a ser categorias que integram o esforço de representação da alteridade que está na base de nossa tradição literária — **a universalidade, dessa maneira, não se opõe a elas por princípio**” (BUENO, p. 126, 2012).

Em acordo com a maioria dos estudiosos do regionalismo, Luís Bueno reconhece na obra de Guimarães Rosa um limite para questões vinculadas à tendência, e problematiza com o fato de que o sertão não tem mais vigência na literatura posterior a *Grande Sertão: Veredas*, e sim o universo urbano (o espaço do “universal”, do “não-regional”). Tal fato, contudo, não exclui a questão da alteridade:

No Brasil, a despeito de uma possível proximidade física entre distintas áreas da mesma cidade, as diferenças entre as classes permanecem enormes. Não é por outro motivo que o Rio de Janeiro ainda pode ser uma espécie de imagem-síntese do país. Os moradores de Ipanema são vizinhos dos moradores da favela do Pavão-Pavãozinho — e por isso mesmo o problema da “vizinhança exótica” permanece. Assim, se o turismo de lugar parece não caber mais, o turismo de classe — vale dizer o problema da representação da alteridade — permanece em aberto. A velha equação não fora mesmo resolvida por Guimarães Rosa. (BUENO, p. 123, 2012. Grifo meu).

O pesquisador citado propõe, em síntese, trocar o “interesse nativista” que dá sustentação à ideia “vencida” de regionalismo pela ideia de **alteridade**, em proveito da:

[...] percepção de que o problema do crítico hoje é o de lidar com uma tradição longa que nos constitui e, ao mesmo tempo, enfrentar o desafio de analisar certos desdobramentos contemporâneos do problema do “ponto de vista interno”, por exemplo, que se repõe em certa literatura recente “da periferia” ou “marginal” (BUENO, p. 126, 2012).

Neste ponto, talvez seja sensato questionar se a categoria do regionalismo, do ponto de vista da história da literatura brasileira, não tem servido para representar a

ilusão da superação daquilo que ainda não pode ser superado, cujo problema de fundo pode ser: as distâncias regionais persistem de uma forma ou de outra, haja vista as distâncias sociais que as sustentam.

Tal problemática persiste, por exemplo, em discussões sobre o estatuto de “região”, de “regional”, de “regionalidade”, no quadro da formação da literatura brasileira. Refletindo sobre o assunto, Luís Augusto Fischer (2010) vincula a noção de regionalidade à experiência do poder sobre o conjunto do país, ao longo de sua formação.

Propõe, ainda, divisar formações em âmbito provincial, especialmente se a província tiver vida relativamente autônoma, como é o caso do Rio Grande do Sul. Esta seria a proposta de uma pesquisa sobre “[...] o exame da existência de uma literatura regional que se compreende muitas vezes como entidade mais ou menos autônoma em relação ao conjunto da literatura brasileira” (FISCHER, 2010, p. 192)¹. Como metodologia, propõe:

[...] nossa discussão precisa ir na direção de indagar sempre pela funcionalidade interna, social e estética, do fenômeno literário, de um lado, e pela efetividade das formas literárias, nascidas em geral no centro do sistema internacional e não na periferia, de outro; para ser mais claramente dialético, trata-se sempre, na periferia (gaúcha, por exemplo), de entender a aclimatação das formas externas nas condições internas, a dialética do local e do não-local, verificando de que modo e a que preço a matéria local obriga a mudanças na forma — nos melhores casos (e esta é a condição da grande obra de arte), a forma vai ser transformada pela mão do artista que entende essa dinâmica. (FISCHER, 2010, p. 203).

O exame da dinâmica da cultura a partir do local e com vistas à percepção dos fenômenos humanos em sua contemporaneidade, de uma perspectiva política, pressupõe uma discussão sobre fronteiras. Com a verificação dos elementos relacionados a tal problemática, a leitura da história da literatura de um lugar determinado ganha uma complexidade capaz de gerar hipóteses para a análise de processos mais amplos. No caso em questão, trata-se de discutir a vigência de uma tradição literária no Brasil com força atuante nas regiões. Assim, a dinâmica entre centro e periferia aparece de forma mais nítida no plano interno da nação, que, por sua vez, participa historicamente de uma dinâmica mundial através da relação com as metrópoles europeias ou do chamado

¹ O ponto de partida é, também neste caso, um estudo de Antonio Candido — “A literatura na evolução de uma comunidade” (1980) —, com a assertiva: “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diversos Estados” (p. 139).

primeiro mundo. Tal ponto de vista tem por base “um conceito materialista e não tradicionalista de tradição”, com as implicações percebidas por Roberto Schwarz ao analisar o ponto de vista de Antonio Candido:

Para bem ou para mal, um sistema literário é uma força histórica, e funciona como um filtro [...]. Num país culturalmente a reboque, como o nosso, onde as novidades dos centros mais prestigiosos têm efeito ofuscante, a existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é da natureza da situação de leitura, ilusão a que é levado todo leitor, especialmente quando, com toda razão, busca fugir à estreiteza ambiente (SCHWARZ, 1992, p. 264-265).

Nesta perspectiva, o termo “sistema literário”, como o considera Antonio Candido, implica uma discussão a partir de um ponto de vista concreto: a formação do sistema em um território historicamente constituído. A língua e a cultura unificam essa literatura, fato que não significa um processo de homogeneização absoluta, uma vez que a variedade linguística e cultural age sobre o sistema.

Na discussão sobre a dinâmica das especificidades locais, as literaturas dos estados não devem ser estudadas como processos autônomos e sim de modo a integrar questões relacionadas, o que permite oferecer um quadro amplo do que seria essa “literatura brasileira”. No entanto, o quadro não deve partir de uma “soma”, e sim do reconhecimento da complexidade de fatores que fazem dessa literatura um sistema. A problemática aqui apresentada não se restringe, contudo, ao campo literário. Um país de fortes desigualdades sociais não poderia ter um perfil cultural diferente.

Questões relacionadas a economia, política educacional e condições básicas de cidadania, dentre outros aspectos, interferem nas possibilidades de uma produção intelectual que teria outra dinâmica em condições ideais, onde a diversidade deveria ser gerada por uma eventual maior uniformidade das políticas sociais.

Os estudos referidos nesta discussão vão ao encontro das teses de Antonio Candido sobre as funções da literatura na sua relação com a sociedade. Exemplificando melhor, na fase de consolidação do sistema literário, foi necessária uma ruptura com o modo tradicional de expressar valores regionais, e os gêneros literários utilizados carregam as tensões daí decorrentes. Diante da força hegemônica do Modernismo, a tendência regionalista cedeu à representação da urbanidade na literatura, o que expressa o desejo de adesão das regiões quanto ao processo modernizador.

Com tal complexidade, as manifestações periféricas determinam e são determinadas pela dinâmica nacional sobretudo quando participando ativamente de um processo ainda mais amplo:

[na América Latina] transplantamos literaturas europeias e através delas conseguimos criar uma expressão que reconhecemos como local no momento em que começamos a praticar uma literatura esteticamente válida, em que a função social e ideológica se articularam com a função total (CANDIDO, 2002, p. 95).

Diante de tal fato, adverte Roberto Schwarz, como a complementar o pensamento do mestre: “[...] por mais heterodoxos ou abrangentes, não podemos nos articular *diretamente* com a tradição mundial, que aliás não existe em estado puro” (SCHWARZ, 1992, p. 266-267; Grifo do autor).

A compreensão desses elementos se dá no âmbito das políticas de globalização, que impõem novos desafios: mais forte que a hegemonia cultural de determinados centros é a possibilidade de estandardização da cultura, que tende a apagar as diferenças. Em tal situação, o reconhecimento e a valorização do legado cultural das regiões não é necessariamente um posicionamento conservador. Graças à tradição, certa continuidade de elementos do sistema constituído pode ser vista como reação às imposições da uniformizante ordem vigente do mercado cultural. Nessas condições, “literatura brasileira” deixa de ser um rótulo e passa a ser fator de resistência na luta contra o inespecífico da cultura globalizante. Afirmar uma literatura composta de problemas germinados na complexidade das regiões culturais significa reagir a esse “inespecífico”.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS:

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin Editorial, 2010.

BUENO, Luís. O intelectual e o turista: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira. *Revista IEB*, São Paulo, n. 55, p. 111-126, mar./set. 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2 v.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FISCHER, Luís Augusto. Uma reflexão sobre a formação regional. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin Editorial, 2010. p. 189-203.

GIL, Fernando Cerisara. Homens pobres-livres na ficção rural de José de Alencar: o caso de *Til*. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin Editorial, 2010. p. 17-40.

LEITE, Lúgia Chiappini Moraes. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n.15, p. 153-159, 1995.

MAGALHÃES, Belmira. A particularidade artística: a relação entre o local e o universal em Graciliano Ramos. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin Editorial, 2010. p. 41-63.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Fantasia e crítica nos livros sertanejos de Graciliano Ramos. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (Orgs.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin Editorial, 2010. p. 65-77.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Macunaíma e a “entidade nacional brasileira”. In: _____. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 188-209.

SCHWARZ, Roberto. Notas do debatedor. In: D’INCAO, Maria Angela & SCARABÔTOLO, Eloísa Faria, (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo, Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992. p. 262-267.